

A MEMÓRIA COMO RASTRO NOS TRABALHOS DE LELA MARTORANO

Mônica Juergens Age – UDESC

Resumo:

O presente artigo pretende analisar os principais elementos da obra da artista plástica Lela Martorano, que remetem à questão da memória como rastro, a fotografia como suporte e a relação com o espaço. Os trabalhos de Lela partem da impessoalidade para imagens carregadas de interioridade e intimidade, recorrendo constantemente à memória como dispositivo. A metodologia a ser utilizada abrange pesquisa bibliográfica através do levantamento em livros, artigos, catálogos e sites que possuam informações acerca do trabalho da artista, construindo reflexões para análise.

Palavras-chave: Memória, rastro, fotografia.

A fotografia é considerada como uma arte da memória, uma vez que nossa memória é constituída por imagens. Os artistas contemporâneos costumam utilizar a memória como tema recorrente em seus trabalhos, deslocando uma realidade para outra, utilizando objetos que são uma espécie de símbolo da memória e misturando tempos. Para Philippe Dubois, em *O ato Fotográfico* (2012), considerando todas as artes da imagem, a fotografia é aquela que melhor representa essa ideia, pois está mais próxima possível do objeto, através da impressão luminosa no filme e ao mesmo tempo distante, existindo em um espaço de tempo no qual a imagem ainda não foi revelada e a espera para a contemplação real da mesma. Para o autor,

“Em fotografia, há sempre apenas uma imagem, separada, tremendo em sua solidão, obsedada por essa intimidade que num instante teve com o real para sempre desaparecido. É essa obsessão, feita de distância na proximidade, de ausência na presença, de imaginário no real que nos faz amar fotografias e lhes proporciona toda sua aura: única aparição de um longínquo, por mais próximo que esteja.” (DUBOIS, 2012, p.314)

Na impressão no filme, a foto é o registro físico de algo, de um instante em um determinado tempo, um traço, uma marca, um rastro. Esses mecanismos da memória estão diretamente ligados ao armazenamento de informações, que podem ser comparados a um arquivo. No arquivo fazemos uma seleção do que queremos guardar e destruir ou apagar, porque se guardássemos tudo não seria um arquivo, ele é uma estratégia de registro contra o

esquecimento, ao apagamento e a morte da memória. O arquivo é formado a partir de uma seleção de rastros, portanto, o arquivo começa ali onde o rastro se organiza supondo que o rastro é sempre finito (DERRIDA, 2012). O rastro é a própria memória.

“É próprio do traço poder ser apagado, perdido, esquecido, destruído. É a sua finitude. E é porque é próprio do traço ser finito que há arquivo, isto é, que se fazem esforços para selecionar, para guardar, para destruir tais arquivos ou deixar morrerem tais rastros, para deixar desaparecerem tais rastros e guardar tais outros, porque sabemos que os rastros são finitos. E um arquivo é sempre finito, sempre destrutível. Quaisquer que sejam os progressos que se possa fazer quanto à estocagem e a conservação de arquivos, sabemos que é próprio de todo arquivo poder ser destruído. Não há arquivos indestrutíveis, isso não existe, isso não pode existir. (DERRIDA, 2012, p. 131)

Daniela Martorano Vieira, artista plástica catarinense, conhecida como Lela Martorano, utiliza a memória como matéria de seu fazer artístico. Busca imagens inconscientes, lembranças e experiências que traduz em forma de obra de arte. Essas imagens cada vez que são evocadas, retornam de uma maneira diferente, são acontecimentos que ficam marcados como rastros, uma organização estratigráfica com o objetivo de reforçar a memória. “O distanciamento entre passado e o presente, esse desfase temporal implicado na fotografia, é onde se impregnam nossas recordações, buscadas no passado mas carregadas de impressões presentes.”¹ Transporta suas lembranças para a superfície pictórica, esta pode ser a tela ou a própria parede. Apropria-se de situações do passado que interferem no presente, mistura e sobrepõe tempos. A fotografia é a matéria nas obras de Lela, assim como a memória, o tema.

Buscando fragmentos da cidade, a artista inicialmente fotografava janelas, portas, casas, varais, ruínas, traços da memória e lembranças. A fotografia era o registro desses lugares, lembranças que pertenciam ao passado, que retornam como uma forma de evitar o esquecimento. Ao falar da memória, Lela Martorano, cita que:

“Ao trabalhar com o tema da memória, fotografando cenas em decomposição, lugares em ruína, o abandono, vestígios do humano. [...] Busco através da manipulação (transparência, sobreposição, distorção e rasura da imagem ou cena), a atmosfera que envolve as imagens retidas na memória através do corpo-olhar e da percepção, a névoa que encobre nossas lembranças, e que muitas vezes já fazem parte do nosso próprio esquecimento.” (VIEIRA, 2001, p.08)

¹ VIEIRA, Daniela Martorano. **Recordatórios – notas sobre memória e fotografia**. s.d. Disponível em: <<http://interartive.org/2009/12/recordatorios/>>. Acesso em: 28, out, 2013.

Seus trabalhos com a memória iniciaram utilizando imagens de lugares e cidades sem nome. Esses lugares que não podem ser identificados estão no imaginário da artista, imagens de arquivo da memória visual e de um arquivo de família. A série “Da memória e seus lapsos”, partiu de trabalhos nos quais Lela se apropriou e sugeriu um novo significado a essas imagens. Ela sempre transforma um arquivo pessoal em outro, que consegue ser íntimo e público ao mesmo tempo. Sugere um corpo, alguém que já habitou esses lugares e que não está mais ali, são imagens de cidades que parecem desabitadas, impossíveis no mundo contemporâneo. Nesta mesma série, (Fig.1), além de novamente misturar tempos e trazer a memória como dispositivo, utiliza também a pintura sobre a fotografia, que continua sendo o suporte da artista.



Figura 1 – Da memória e seus lapsos, Lela Martorano – MIS (Museu da Imagem e do Som, Florianópolis), 2000.

Fonte: <http://www.ciberarte.com.br/da-memoria-e-seus-lapsos-7de10/>

Sobre o seu trabalho, a artista comenta que:

“No meu trabalho, a fusão da pintura e da fotografia dá-se pelo gesto: pincelamento do revelador faz o papel da tinta, a imagem aparece como pintura. Num segundo momento a sobreposição de novas imagens agregadas à foto, através de projeções de slides aparece também como uma camada pictórica (desta vez cor-luz como tinta). Acrescentando, é claro, novos significados no conteúdo da própria tinta.” (VIEIRA, 2000, p. 24)

A partir da série com imagens de lugares sem nome, Lela Martorano inicia outros trabalhos mais autobiográficos transpondo fotografias, com a projeção de antigos cartões postais da cidade de Granada, Espanha (Fig.2). Aqui as imagens captadas no instante da fotografia, são eternas e carregadas de significados. São como ruínas que sugerem que algo já existiu ali, rastros do que aconteceu nesses lugares e que ao mesmo tempo cria novas paisagens. A sobreposição de tempos, a memória como rastro e dispositivo que aciona o observador também está presente. Lela utiliza a memória como gesto e para isso recorre a objetos com valor afetivo, com sua própria memória e marcas do tempo. “Observamos a justaposição de temporalidades diversas, na organização dos lugares, uma certa ideia de demarcação de território, lugares que guardam suas características de origem, mas que é trabalhado simbolicamente pela artista.” (MAKOWIECKY, 2011, p. 2728)



Figura 2 – Deslumbramientos, 2009 – Granada, Espanha
Fonte: <http://interartive.org/2009/09/lela-martorano/>

A respeito da utilização das imagens da cidade, Lela Martorano sugere “As imagens que procuro, geralmente são casas abandonadas, janelas, portas, ‘restos de cidade’ fragmentos de imagens que remetem à lembranças passadas.[...] imagens sem tempo e espaço, onde o espectador é convidado a se inserir nesses espaços.” (VIEIRA, 2000, p. 12). A fotografia, no trabalho de Lela Martorano, exerce um efeito na percepção do observador, pois são imagens impregnadas de sensações e lembranças. Este efeito de rememoração, evoca registros de algo vivido o que faz com que o observador se identifique com as imagens.

Na exposição Mar de Dentro, realizada em Florianópolis em 2012, a artista se apropria de slides fotografados por seu pai e os projeta sobre muros e antigos cartões-postais, tendo como resultado uma nova imagem. Nessa exposição a artista traz imagens de família, tornando seu trabalho cada vez mais autobiográfico. Não utiliza mais imagens de cidades e lugares desabitados, mas suas memórias de infância (Fig.3 e fig. 4)



Figura 3 – Impressão digital sobre papel (lambe-lambe) Mar de dentro, 2012 - Fundação Badesc, Florianópolis.

Fonte: <http://interartive.org/2012/05/lamartorano/>

As imagens são apresentadas em grandes formatos e possuem uma resolução que necessita certo distanciamento para observar a obra. Seus trabalhos sugerem então um duplo distanciamento, pois retomando o que foi abordado no início do artigo, a própria fotografia já traz consigo essa aproximação e o distanciamento do objeto. “Eis porque a fotografia jamais se parece com nada. Porque aquilo com que pretensamente devia se parecer está a tal ponto definitivamente distanciado, afastado, perdido, que nada mais há diante da imagem. A fotografia não tem cara a cara. É a única aparição de uma ausência.” (DUBOIS, 2012, p.248)

Nesta exposição, Lela Martorano escolhe o pôster lambe-lambe como forma de apresentação de suas fotografias. Com isso traz novamente a cidade para sua obra, mas dessa vez não com imagens, a cidade retorna com a utilização de um objeto recorrente do espaço urbano. Essa forma de apresentação potencializa um caráter de efêmero para esses trabalhos, pois o pôster lambe-lambe é colado na superfície na qual será exposto, o que evita com que seja retirado. Nos trabalhos anteriores, utilizava a efemeridade projetando os slides fotográficos sobre outras superfícies, neste trabalho traz a efemeridade para o material no qual a foto é impressa e no tipo de apresentação. Ir e vir, trazer o passado para o presente.

A Curadora Lucila Vilela, no catálogo da exposição comenta que existe um constante deslocamento nos trabalhos de Lela Martorano,:

“Existe um constante movimento de deslocamentos, que transforma cada etapa do processo criativo. Um trabalho de pós-produção em que a artista se apropria de uma imagem já produzida para realizar outra. A foto do arquivo aparece no muro, migra para outra fotografia e volta para outro muro”²

As informações que constituem memórias são adquiridas através de sensações, apreendidas pelos sentidos em forma de experiências. As experiências vividas são pessoais e sentidas de forma diferenciada pelos indivíduos, como as ondas do mar. “Mar de dentro”, o mar que habita em nós, que é único e ao mesmo tempo diferente para cada um. As experiências para Derrida, não existem sem rastro, tudo é rastro e o rastro não é apresentado apenas fisicamente com uma escrita no papel. “Há vestígio, retenção, protensão e, portanto, relação com algo outro, com o outro, ou com outro momento, outro lugar, remissão ao outro há rastro.” (DERRIDA, 2012, p. 129). Na exposição “Mar de dentro”, a artista transporta o observador para suas memórias, rastros de seu passado e suas lembranças que aparecem materializadas em fotografias e vídeo.



Figura 4 – Video-objeto, Fotografia em transparência + vídeo. Mar de dentro, 2012 - Fundação Badesc, Florianópolis.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=hawR-EtwI20>

² VILELA, Lucila. *À deriva*. Catálogo da exposição Mar de Dentro, 2012. Disponível em: <<http://interartive.org/2012/05/lelamartorano/#sthash.kSSb4OAx.dpuf>>. Acesso em: 31out, 2013.

Lela Martorano também trata da questão do espaço. Quando ela utiliza imagens projetadas sobre outras superfícies, ela avança para o espaço expositivo. A fotografia não é apenas uma imagem, ela é uma impressão sobre um objeto tridimensional, que é o papel. Quando manuseamos uma fotografia, temos um objeto que possui volume e passamos por uma experiência física.

“Em suma, de um modo geral, a partir do momento em que uma foto é olhada como um objeto por alguém, num lugar e em momento determinados e em função disso mantém certas relações com aquele que olha. (...) Mas justamente, quando se olha uma foto, e quando se fala dela, esquece-se que esta nos é dada como volume num e por um dispositivo (por mais neutro e discreto que seja), o qual influi em nossa percepção.” (DUBOIS, 2012)

Em uma instalação fotográfica, a imagem é encenada em um espaço e tempo determinado. A instalação, segundo DUBOIS, (2012) sempre implica em “um espaço-tempo de apresentação bem determinado, um concebedor-manipulador, um espectador e uma espécie de contrato, um jogo de relações entre as diferentes partes”. Ele considera que a foto, quando apresentada não apenas como imagem, mas exposta como um objeto que possui volume ou ainda quando projetada em um determinado espaço, possuindo uma realidade física, pode ser considerada igualmente a uma escultura. Isso devido ao fato do espectador muitas vezes precisar se deslocar, devido à dimensão da obra, mesmo não participando ativamente da obra e intervindo nela materialmente. No caso das obras de Lela, esse deslocamento já foi proporcionado pela fotografia em si e pela visualização da obra na exposição.

O rastro pode ser comparado à memória, são registros de acontecimentos e experiências inconscientes que ficam marcadas. Buscamos esses rastros como uma forma de evitar o esquecimento e nos sentirmos únicos, já que esses registros acontecem de forma diferenciada para cada indivíduo. O rastro pode ser comparado à própria fotografia, podemos escolher o que queremos lembrar e na fotografia, escolhemos o que queremos fotografar. Nos trabalhos de Lela Martorano esse rastro vem em forma de imagens. Em seus trabalhos, a artista desloca o tempo para o espaço expositivo, utilizando a memória como dispositivo capturando assim o observador. Lela Martorano inicia em um plano mais impessoal, com imagens de lugar algum, para imagens mais carregadas de interioridade e intimidade, em que podemos reconhecer parte de suas memórias. De acordo com Makowiecky (2011), a mente não está cheia de imagens, ela somente cria imagens e comunica-as, sendo este ato de criação um processo interior. Para a autora, as imagens de Lela nos remetem a lugar algum, mesmo

que se trate de memórias, pois a arte contemporânea, ao evocar a memória em suas possibilidades multifacetadas, propõe um tempo fora do tempo e um lugar fora do lugar. De onde podemos facilmente entrar e sair. Cabe ao espectador fazer a justaposição e esta proposta se completa tanto em suas obras iniciais, quanto nas mais recentes.

Referências:

DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver : escritos sobre as artes do visível (1979-2004)**. Florianópolis :Ed. Da UFSC, 2012.

DUBOIS, Philipe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 14 ed. Campinas :SP: Papyrus, 2012.

MAKOWIECKY, Sandra. **Lugar algum: vestígios da memória em Lela Martorano**. In: 20º. Encontro Nacional, da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas, ANPAP. Rio de Janeiro , 2011. Disponível em:
<http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/chtca/sandra_makowiecky.pdf> Acesso em: 25, set, 2013.

VIEIRA, Daniela Martorano. **Da memória e seus lapsos**. Trabalho de Conclusão de curso de graduação. Florianópolis:Centro de Artes: UDESC, 2000. 40p.

VIEIRA, Daniela Martorano. **Recordatórios – notas sobre memória e fotografia**. s.d. Disponível em:< <http://interartive.org/2009/12/recordatorios/>>. Acesso em: 28, out, 2013.

VILELA, Lucila. **À deriva**. Catálogo da exposição Mar de Dentro, 2012. Disponível em:
<<http://interartive.org/2012/05/lelamartorano/#sthash.kSSb4OAx.dpuf>>. Acesso em: 31out, 2013.